

Tatiane de Araújo Almeida Studart Guimarães²

Aluiza Alves de Araújo³

Maria Lidiane de Sousa Pereira⁴

RESUMO: Com base na Sociolinguística Variacionista (LABOV, 1968, 1990, 2006, 2008; WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006), investigamos a variação entre *você(s)* e *cê(s)* no falar de Fortaleza com base em dados do Projeto Norma Oral do Português Popular de Fortaleza (NORPOFOR). Nosso objetivo é analisar a influência de variáveis linguísticas e/ou extralinguísticas sobre o uso das formas *você(s)* e *cê(s)*. As análises estatísticas indicam que, na amostra deste trabalho, a variante *cê(s)* compreende 5,30% dos casos e a variante *você(s)* aparece em 95,70% dos dados. Verificamos também que a primeira variante é condicionada exclusivamente, por variáveis extralinguísticas, a saber: *escolaridade* (0-4 e 9-11 anos de escolaridade), *sexo* (homens) e *grau de intimidade entre os informantes* (alto grau de intimidade), nessa mesma ordem de relevância.

Palavras-chave: *Você(s)* e *Cê(s)*. Falar de Fortaleza. Sociolinguística Variacionista.

ABSTRACT: Based on the Variationist Sociolinguistics (LABOV, 1968, 1990, 2006, 2008, WEINREICH, LABOV, HERZOG, 2006), we investigate the variation of the pronouns *você(s)* and *cê(s)* based on data from the Norma Oral Project of the Popular Portuguese of Fortaleza (NORPOFOR). We intend to analyze the influence of linguistic and/or extralinguistic variables on the use of the *cê(s)* variant. The analysis of the statistics indicate that in the sample of this work, the variant *cê(s)* takes part on 5.30% of the cases and the variant *você(s)* appears in 95.70% of the data. We also verified that the first variant is exclusively conditioned by extralinguistic variables, namely: schooling (0-4 and 9-11 years of schooling), sex (men) and degree of intimacy among informants (high degree of intimacy), in the same order of relevance.

Keywords: *Você(s)* e *Cê(s)*. Speech of Fortaleza. Variationist Sociolinguistics.



¹ Esta pesquisa contou com o apoio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

² Doutoranda em Linguística Aplicada; Graduada em Letras; membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Sociolinguística de Fortaleza; tatianeasguimaraes@gmail.com

³ Doutora em Linguística; Professora Adjunta da Universidade Estadual do Ceará; Coordenadora do Projeto Retratos Sociolinguísticos do Falar de Fortaleza e do Grupo de Estudos e Pesquisas em Sociolinguística de Fortaleza; aluzazinha@hotmail.com

⁴ Doutoranda em Linguística Aplicada; Graduada em Letras; membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Sociolinguística de Fortaleza; lidiane_lidiarock@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Amparada teórico e metodologicamente na Sociolinguística Variacionista (LABOV, 1968, 1990, 2006, 2008; WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006), esta pesquisa trata da variação entre os pronomes *você(s)* e *cê(s)* no falar de Fortaleza - CE. Assim como ocorre em outras variedades de fala do Brasil (COELHO, 1999; ANDRADE, 2004; LUCCA, 2005; NASCIMENTO, 2011; LOREGIAN-PENKAL; MENOR, 2012; NOGUEIRA, 2013), encontramos, no falar da capital cearense, os pronomes *você(s)* e *cê(s)* sendo usados em situações espontâneas de interação verbal, conforme os excertos 1 e 2:

- (1) Inf.2: se *você* sente assim né (NORPOFOR, D2. 153)⁵.
- (2) Inf.1: *cê*tavaFORMAdo a ser sargento (NORPOFOR, D2 14).

Haja vista o reconhecimento do uso variável dos pronomes *você(s)* e *cê(s)* no falar de Fortaleza, postulamos, com base na Sociolinguística Variacionista, que o fenômeno em foco não acontece de modo aleatório, tampouco reflete alguma espécie de caos linguístico. Na verdade, acreditamos que as variantes *você(s)* e *cê(s)* são condicionadas por fatores de ordem linguística e/ou extralinguística, a exemplo do que outros estudos sobre o fenômeno vêm mostrando (COELHO, 1999; ANDRADE, 2004; LUCCA, 2005; NASCIMENTO, 2011; LOREGIAN-PENKAL; MENON, 2012; NOGUEIRA, 2013).

Assim, objetivamos, no âmbito desta pesquisa, analisar o *quantum* com que fatores linguísticos e/ou extralinguísticos condicionam (ou não) a variação entre os pronomes *você(s)* e *cê(s)*, no falar de For-

⁵ A apresentação dos dados é feita conforme as normas de transcrição usadas no NORPOFOR (cf. Araújo, 2011).

taleza. Para tanto, selecionamos uma amostra de linguagem em uso proveniente de 53 inquéritos do tipo Diálogo entre Dois Informantes (doravante D2), disponíveis no acervo sonoro do Projeto Norma Oral do Português Popular de Fortaleza (doravante NORPOFOR).

Além desta Introdução e das Considerações finais, este artigo é composto por mais três partes. Na seção ‘Aporte teórico’, apresentamos alguns dos pontos substanciais da perspectiva teórica que ampara este estudo, bem como tecemos algumas considerações acerca dos principais achados de outros estudos variacionistas sobre o uso das formas *você(s)* e *cê(s)*, em diferentes variedades do Português Brasileiro (doravante PB). Na seção ‘Metodologia’, delineamos os principais procedimentos metodológicos deste estudo. Na seção ‘Apresentação e discussão dos resultados’, por sua vez, apresentamos e discutimos os resultados desta pesquisa.

APORTE TEÓRICO

A linguística variacionista: alguns apontamentos

A ideia de que as línguas são fenômenos essencialmente heterogêneos está na base da perspectiva variacionistas. Esse postulado passou a ser amplamente explorado em meados da década de 1960, mais precisamente com os trabalhos de Labov (1968, 1990, 2006, 2008) e Weinreich, Labov e Herzog (2006).

Para Labov (2008), assumir a variação na língua em uso como um fato evidente, implica reconhecer, antes de tudo, que ao lado das chamadas ‘regras categóricas’ ou ‘invariantes’, há, em número infinitamente maior (MONTEIRO, 2000; LABOV, 2008), as ‘regras variáveis’. Em termos simples, as ‘regras variáveis’ — a exemplo dos pronomes *você(s)* e *cê(s)*, no PB — são aplicadas quando duas ou mais formas variantes coocorrem no mesmo contexto, sem mudança de significa-

do e cuja escolha de uma ou de outra variante depende de uma série de fatores, tanto de ordem interna ou estrutural, como de ordem externa ao sistema linguístico (LABOV, 2008).

A partir desse reconhecimento, o aparente caos da variação linguística passou a ser fortemente questionado e assumiu-se que os inúmeros fenômenos de variação e mudança linguística podem ser tomados como objeto passível de investigação rigorosa. De igual modo, reconheceu-se que para a variação e mudança linguística não cabe buscar explicações apenas no sistema em si, mas também na estratificação social dos falantes (LABOV, 1994, 2008; WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006; CAMACHO, 2012, 2013).

Além disso, o estudo dos mais diversos fenômenos variáveis nos possibilita observar não apenas como a língua funciona num determinado momento do tempo, mas também nos permite fazer incursões pertinentes no que concerne às possíveis mudanças pelas quais as línguas passaram ou podem passar. Para proceder ao estudo da mudança linguística, Labov (2008) nos aponta duas possibilidades ou parâmetros, estamos nos referindo aos chamados estudo da mudança em 'tempo real' e 'tempo aparente'. A esse respeito, frisamos que este estudo foi desenvolvido sob a noção de tempo aparente.

Assim, para a investigação da variação e dos possíveis indícios de mudança, nos parâmetros do estudo em tempo aparente, é realizado um recorte transversal da fala de informantes de uma determinada comunidade de fala (LABOV, 2008). Essa abordagem caracteriza um estudo de natureza sincrônica. Nela, não são estabelecidas comparações entre diferentes gerações ou sincronias e a variável faixa etária é testada para observar mais um ponto da estratificação social dos falantes e como esse aspecto de suas identidades pode influenciar o uso das variantes investigadas. Além disso, a observação da faixa etária nos permite intentar algumas incursões no âmbito da investiga-

ção diacrônica. Ou seja, para a observação da variação e mudança em tempo aparente, acredita-se que a faixa etária pode dar indícios de mudança.

O postulado básico, aqui, é o de que os sujeitos com faixa etária maior representam o comportamento linguístico de gerações anteriores e que seu padrão de uso linguístico tende a desaparecer com eles. Os mais jovens, por outro lado, levarão adiante seu padrão, representando o que a língua tende a ser no futuro. Sobre esses postulados, Battisti e Rosa (2012, p. 5, *itálico no original*) atentam:

Ainda que essa distribuição [em distintas faixas etárias] possa ser monotônica, com taxas que cresçam ou decresçam de forma contínua entre os diferentes grupos etários, ela talvez não forneça ao pesquisador dados suficientes para que ele decida se o fenômeno encontra-se na língua como mudança em progresso ou como *gradação etária* (age-grading, LABOV, 2001), isto é, como uma alteração regular no comportamento linguístico que se repete de geração em geração em certa idade e que em breve desaparece.



Com o intuito de suprir problemáticas como as citadas por Battisti e Rosa (2012), dentre outras, encontradas no eixo do tempo aparente, o estudioso pode lançar mão do trabalho dito em tempo real. Para isso, são consideradas ocorrências de um determinado fenômeno coletadas em diferentes amostras que, por sua vez, representam diferentes momentos da comunidade estudada. Em outras palavras, em um estudo variacionista, realizado em tempo real, trabalhamos com diferentes sincronias.

Interessante ressaltar que, ao fazermos um levantamento dos estudos variacionistas sobre o uso variável dos pronomes *você(s)* e *cê(s)*, no PB, percebemos que a grande maioria desses trabalhos foi desenvolvida a partir da noção de tempo aparente, fato que facilita, na medida do possível, comparações entre os nossos resultados e de

outros estudiosos. Frisamos ainda que, apesar das limitações que um estudo em tempo aparente pode trazer, os trabalhos selecionados e que são mais bem explorados na subseção seguinte, nos fornecem uma visão, ainda que panorâmica, da realização variável dos pronomes *você(s)* e *cê(s)* em outras variedades de fala do PB.

Os pronomes *você(s)* e *cê(s)* na perspectiva variacionista⁶

Coelho (1999) estudou o uso dos pronomes *você(s)* e *cê(s)*⁷ na cidade de São Francisco, norte de Minas Gerais – MG. Para isso, foram usadas entrevistas sociolinguísticas concedidas por 24 informantes, estratificados de acordo com a *procedência geográfica* (zona rural e zona urbana), *faixa etária* (15-25 anos, 26-49 e 50 em diante), *sexo/gênero*⁸ (homem e mulher) e *classe social* (mais privilegiada e menos privilegiada). Com o auxílio do programa computacional Varbrul, foram obtidos os seguintes percentuais de uso para as variantes estudadas: 22%, para *você(s)* e 56%, para *cê(s)*.

De igual modo, Coelho (1999) verificou que, para o pronome *cê(s)*, são pertinentes, nessa mesma ordem de importância: o *tipo de contexto de interpretação da forma* (indefinido, com 63%, 0,34), *ambiente fonológico anterior à forma* (pausa, com 75%, 0,44), *função sintática* (pronome sujeito, com 61%, 0,61), *tipo de frase* (negativa, com 73%, 0,42) a *procedência geográfica* (rural, com 58%, 0,34), a *classe social* (privilegiada, com 52%, 0,34), o *sexo* (masculino, com

⁶ Além das pesquisas que comentamos, ainda que muito brevemente nesta subseção, outras mais acerca da variação entre *você(s)* e *cê(s)* podem ser localizadas. Entretanto, tendo em vista a necessidade de delimitar as pesquisas comentadas, selecionamos apenas três.

⁷ Assim como Andrade (2004) que também é comentada nesta subseção, Coelho (1999) estudou a variante *ocê*. Contudo, tendo em vista o curto espaço do qual dispomos, assim como o fato de que não trabalhamos com a variante *ocê*, consideramos apenas os resultados obtidos para os pronomes *você* e *cê*, nas referidas pesquisas.

⁸ Os termos *sexo/gênero* são usados conforme os trabalhos originais.

65%, 0,43) e a *faixa etária* (os jovens, com 59%, 0,39). Além de verificar a percentagem de uso, bem como os fatores linguísticos e sociais que condicionam o pronome *cê(s)*, no falar de São Francisco, Coelho (1999) defende que não podemos falar em mudança em progresso, mas podemos dizer que a variante *cê(s)* já está implementada na comunidade estuda, figurando, mais especificamente, como um processo de variação estável.

Andrade (2004) estudou os pronomes *você(s)*, *ocê(s)* na fala de 15 crianças e adolescentes das áreas urbana e rural do Distrito Federal. Os informantes de faixa etária entre 10 e 14 anos e estudantes do fundamental (0-4 anos) foram estratificados de acordo com o sexo/gênero (8 meninos e 7 meninas) e a procedência geográfica (9 da zona urbana e 6 da zona rural, de Boa Vista). Desses informantes, cinco (5) eram naturais de Brasília, três (3) de Goiás e um (1) de Minas Gerais. Destacamos que Andrada (2004) não informa qual programa estatístico foi utilizado em seu estudo. Contudo, aponta devidamente que foram obtidos 1258 dados.

Quanto aos resultados, vimos que a frequência de uso do pronome *você(s)* foi igual a 57% e o *cê(s)* igual a 25%. No que se refere às variáveis selecionadas, pontuamos que se mostraram favorecedores do *cê(s)*, nessa mesma ordem de relevância, os seguintes grupos de fatores: a *procedência geográfica* (a zona rural, 53%, 0,70) e o *sexo/gênero* (meninos, 44%, 0,61).

Nascimento (2011) analisou os pronomes *você(s)* e *cê(s)* na cidade de São Paulo-SP, com base em dois *corpora*: Norma Urbana Culta (doravante NURC)-SP-70 e do Grupo de Pesquisa em Sociolinguística da USP (doravante GESOL)-SP-2000. Do NURC, foram extraídas 18 entrevistas do tipo Diálogo entre Informante e Documentador (doravante DID), e do GESOL, foram analisadas 36 entrevistas realizadas entre os anos de 2003-2009. Os informantes dos *corpora* foram estra-

tificados de acordo com o sexo/gênero (masculino e feminino) e a faixa etária (20- 32 anos, 35-45 anos e 50 anos em diante). No GESOL, os informantes também foram estratificados de acordo com a escolaridade (superior e médio/fundamental), enquanto, no NURC, todos possuem o nível superior completo. Para ambos os *corpora*, foram registrados 4639 dados.

Na amostra do NURC, foram registrados 64,1%, para *você(s)* e 34,1%, para *cê(s)* e, no GESOL, foram 52,7%, para *você(s)* e 44,6%, para *cê(s)*. Quanto à influência das variáveis controladas, mais precisamente as sociais, vimos que, nos dados do NURC, a *faixa etária* entre 20-32 (47,6%, 0,64) favorece o *cê(s)*. Já nos dados do GESOL, a *escolaridade* nível fundamental (57,3%, 0,59) favorece o uso de *cê(s)*. Nascimento (2011) fez ainda um cruzamento entre *gênero/sexo x faixa etária* e observou que as mulheres mais jovens (57,3%, 0,58) e mais velhas (60,4%, 0,61), assim como os homens mais jovens (56,1% 0,54) favorecem o uso do *cê(s)*.

Quanto às variáveis linguísticas, foram selecionadas para *cê(s)*, a referência específica (64,3%, 0,70), o paralelismo anterior precedido por *cê(s)* (78%, 0,78), tonicidade antecedente tônica (67%, 0,61), tonicidade seguinte tônica (54%, 0,53), frequência do verbo mais de seis (57%, 0,58) e coalescente⁹ (50%, 0,51). Além disso, Nascimento (2011) realizou uma rodada na qual analisa somente os dados dos universitários, comparando os *corpora*, NURC 1970 e GESOL 2000, para o pronome *cê(s)*. Na referida rodada, foram apontadas como relevantes, as seguintes variáveis: referência, paralelismo antecedente, paralelismo com reduções, frequência do verbo, tonicidade seguinte, tonicidade antecedente, dissimilação e coalescência. De modo

⁹ A variável coalescência refere-se à posição entre o pronome e o verbo. Coalescente, no caso, seria vir antes do verbo.

mais preciso, no NURC, tivemos os seguintes resultados para o *cê(s)*: referência (específica 41,8%, 0,63); paralelismo antecedente (*cê(s)* 59,1%, 0,70); paralelismo com reduções (num/tá/tava 59,5%, 0,72); frequência do verbo (+ freq. (acima de 3%) 47,5%, 0,60); tonicidade seguinte (mediana 58,3%, 0,72); tonicidade antecedente (pausas 44,2%, 0,57); presença de *se* (Sem /SE/ 36,9%, 0,50); e, por fim, coalescência (interpolação 45,6 0,60). No GESOL, encontramos os seguintes resultados específicos: referência (específica 57,4% 0,69); paralelismo antecedente (*cê* 73,2%, 0,82); paralelismo com reduções (num/tá/tava 53,2%, 0,65); frequência do verbo (+ freq. (acima de 3%) 45,8%, 0,56); tonicidade seguinte (mediana 53,1%, 0,65); tonicidade antecedente (pausas 47,3%, 0,61); presença de *se* (Sem /SE/ 40,1%, 0,52); coalescência (adjacente 40,3 0,51).

Com base nos estudos de Coelho (1999), Andrade (2004) e Nascimento (2011), podemos dizer que tanto a variante *você(s)* como *cê(s)* — ainda que com evidentes diferenças quanto as suas frequências de uso — são formas variantes recorrentes no PB falado em diferentes pontos do país. De igual maneira, vimos que essas variantes são favorecidas tanto por variáveis extralinguísticas como por variáveis linguísticas. Dentre as primeiras, se destacaram, nos estudos comentados, o *sexo*, a *faixa etária*, a *escolaridade*, a *procedência geográfica* e a *classe social*. Já dentre as segundas, podemos destacar a *função sintática*, o *tipo de frase* e *paralelismo*, dentre outras.

METODOLOGIA

O *corpus*, a amostra analisada e os informantes desta pesquisa

Seguindo os princípios de uma pesquisa variacionista em tempo aparente, coletamos os dados de linguagem em uso que alimentam este estudo nos inquéritos que compõem o projeto NORPOFOR.

Construído entre os anos de 2003 a 2006, o NORPOFOR foi organizado com a intenção de armazenar e fornecer material linguístico representativo do falar popular¹⁰ de Fortaleza a partir da fala de informantes estratificados socialmente segundo o sexo (homens e mulheres), a escolaridade (0-4; 5-8 e 9-11 anos), a faixa etária (15-25; 26-49 e acima de 50 anos) e diferentes tipos de inquéritos (Diálogo entre Informante e Documentador (DID); Diálogo entre Dois Informantes (D2) e Elocução Formal (EF)) (ARAÚJO, 2011).

Ao todo, o NORPOFOR é composto por 198 informantes que correspondem a sujeitos nascidos em Fortaleza ou no interior do Estado do Ceará, tendo mudado para a capital com, no máximo, cinco anos de idade; que nunca se ausentaram da capital por mais de dois anos consecutivos e que possuem pais cearenses. Tais critérios foram devidamente adotados com o intuito de “neutralizar a influência dos falares de outras regiões” (ARAÚJO, 2007, p.53). A partir de um recorte no quadro geral de informantes do NORPOFOR, a amostra de fala usada, nesta pesquisa, foi composta por 53 informantes extraídos dos inquéritos do tipo D2 e distribuídos em diferentes células, conforme o Quadro 1:

Quadro 1 - Distribuição dos informantes por variáveis sociais controladas, neste estudo

		Sexo					
		Masculino (M)			Feminino (F)		
Escolaridade	Faixa Etária	0 a 4 anos (A)	5 a 8 anos (B)	9 a 11 anos (C)	0 a 4 anos (A)	5 a 8 anos (B)	9 a 11 anos (C)
		15 a 25 anos (I)	3	3	3	2	3
	26 a 49 anos (II)	3	3	3	3	3	3
	a partir dos 50 anos (III)	3	3	3	3	3	3

Fonte: elaborado pelas autoras com base em Araújo (2011).

¹⁰ Por norma popular, Araújo (2007) compreende que, para fins metodológicos, o português popular brasileiro pode ser entendido, pelo menos a princípio, como a variedade linguística que tende a ser usada mais frequentemente por falantes sem ensino superior completo e oriundos de zonas rurais ou não favorecidas socioeconomicamente nos grandes centros urbanos.

No que concerne ao tipo de inquérito com os quais trabalhamos, nesta pesquisa, isto é, os D2, convém acrescentar que eles compreendem as gravações mais espontâneas do NORPOFOR, já que esse é um tipo de inquérito constituído por dois informantes que necessariamente são amigos ou parentes (ARAÚJO, 2011). No D2, os documentadores pouco interferem na conversa, assim, nas gravações usadas por nós, há raríssimos casos em que ocorre a interferência do documentador, pois isso só aconteceu quando os informantes ficaram sem assunto para conversar ou quando os documentadores queriam incentivar os informantes a conversarem. Dos inquéritos que fazem parte da amostra deste trabalho, a fala do documentador aparece nos inquéritos de número 04, 74 e 94, no início da conversa, para incentivar os informantes a dialogarem e, também, nos inquéritos de número 15, 37, 49 e 72, quando os informantes ficaram sem assunto ou tiveram dificuldades para iniciar um novo tema. Nesses casos, evidentemente, não consideramos trechos das falas do documentador ou trechos das falas dos informantes reportadas ao documentador.



Variável dependente

A variável dependente estudada aqui é, conforme viemos apontando desde o início, a alternância entre os pronomes *você(s)* e *cê(s)* no falar de Fortaleza. Assim, trabalhamos, nos termos da perspectiva variacionista, com uma variável binária, isto é, que comporta duas variantes linguísticas (GUY; ZILLES, 2007; LABOV, 2008; MOLLICA, 2012). Sobre a ocorrência das variantes estudadas, vejamos o excerto 3, oriundo da amostra de fala deste estudo:

(3) Inf.1: porque por exemplo eu sou o capitão *cê* capitão também eu descubro que *você* véi da máfia ai eu fico até revoltado com *você* porque eu me maTEI de estudar

pra chegar na função que eu tou aí *você* de repente com Dinheiro*você* chegou lá...(NORPOFOR, D2 14).

Importante frisar que essa variável é denominada de dependente no sentido de que o uso das variantes que a compõem depende da influência de uma série de fatores ou variáveis independentes (GUY; ZILLES, 2007; LABOV, 2008; MOLLICA, 2012).

Variáveis independentes

Conforme os parâmetros da Sociolinguística Variacionista, elegemos com base na literatura pertinente (COELHO, 1999; ANDRADE, 2004; LUCCA, 2005; NASCIMENTO, 2011; LOREGIAN-PENKAL; MENOR, 2012; NOGUEIRA, 2013), bem como a partir de audições preliminares dos inquéritos selecionados, o conjunto de variáveis independentes que acreditamos poder exercer algum tipo de influência no sentido de pressionar (diminuindo ou aumentando) a frequência de uso das variantes *você(s)* e *cê(s)*.

Ainda com base nos postulados variacionistas (GUY; ZILLES, 2007; LABOV, 2008; MOLLICA, 2012), supomos que os pronomes *você(s)* e *cê(s)* são condicionados tanto por variáveis linguísticas e/ou extralinguísticas. Dentre as primeiras, testamos ao todo, dez variáveis que estão devidamente distribuídas no Quadro 2:



Quadro 2 - Variáveis linguísticas controladas, neste trabalho

Variáveis	Fatores
Estrutura do verbo	a) verbo simples; b) verbo composto e c) locuções verbais.
Posição em relação ao verbo	a) antes do verbo e b) depois do verbo.
Paralelismo Formal	a) com paralelismo- primeiro da série; b) com paralelismo- não primeiro da série e c) forma de tratamento isolada.
Efeito gatilho	a) com efeito gatilho e b) sem efeito gatilho.
Tipo de verbo	a) <i>dicendi</i> ; b) epistêmico; c) estado; d) ação e e) verbo <i>ser</i> .
Tópico discursivo	a) conversas casuais; b) conversas relacionadas ao trabalho; c) conversas sobre relacionamento amoroso; d) observações irônicas/brincadeiras; e) conversa sobre terceiros; f) recordações; g) religião e h) repreensão.
Tempo verbal	a) presente do indicativo; b) pretérito perfeito do indicativo; c) pretérito imperfeito do indicativo; d) presente do subjuntivo; e) pretérito imperfeito do subjuntivo; f) futuro do subjuntivo e g) infinitivo pessoal.
Tipo de frase	a) interrogativa; b) afirmativa e c) negativa.
Tipo de relato	a) original e b) reportado.
Polaridade da sentença	a) negativa e b) afirmativa.
Função sintática do pronome	a) sujeito; b) objeto indireto; c) objeto direto; d) vocativo; e) predicativo do sujeito e f) complemento nominal.

Fonte: elaborado pelas autoras.

Além das variáveis linguísticas, testamos a atuação de variáveis extralinguísticas, conforme o Quadro 3:

Quadro 3 - Variáveis extralinguísticas/sociais controladas, neste trabalho

Variáveis	Fatores
Faixa etária	a) 15 a 25; b) 26 a 49 e d) acima de 50.
Escolaridade	a) 0-4; b) 5-8 e c) 9-11 anos.
Sexo	a) homens e b) mulheres.
Grau de intimidade entre os informantes	a) alto e b) muito alto.
Grau de simetria entre os informantes	a) muito simétrica e b) pouco simétrica.

Fonte: elaborado pelas autoras.

Sobre a seleção das variáveis extralinguísticas, pontuamos que a *faixa etária*, a *escolaridade* e o *sexo* foram selecionadas não apenas por figurarem como variáveis significativas para o uso dos pronomes *você(s)* e *cê(s)* na literatura pertinente, mas também por corresponderem, como mostramos anteriormente, à estratificação social dos informantes do NORPOFOR. Além delas, durante a audição preliminar dos dados, fomos levadas a incluir as variáveis *Grau de intimidade* e *Grau de simetria entre os informantes* por acreditarmos que essas variáveis também podem se revelar importantes para as variantes em estudo.

APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Os dados desta pesquisa foram analisados de modo quantitativo e qualitativo. Assim, num primeiro momento, analisamos estatisticamente um grande número de dados com o auxílio do programa computacional GoldVarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005), muito usado entre os variacionistas. Em linhas gerais, o GoldVarb X figura como uma adaptação do Varbrul para o ambiente *Windows* (SCHERRE; NARO, 2012). Sobre o Varbrul, Guy e Zilles (2007, p. 105) explicam que ele compreende “um conjunto de programas computacionais de análise multivariada¹¹, especificamente estruturado para acomodar dados de variação sociolinguística”.

Além de nos fornecer a frequência de uso das variantes estudadas, o GoldVarb X também apontou o *quantum* com que cada fator linguístico e/ou extralinguístico testado interfere no uso das variantes analisadas. Assim, a partir dos chamados *pesos relativos*¹² (doravante P.R.) podemos, portanto, verificar de que modo os fatores postulados são pertinentes para a variação entre os pronomes *você(s)* e *cê(s)* no falar de Fortaleza. Num segundo momento, os resultados estatísticos foram articulados e interpretados com base nos parâmetros teóricos da Sociolinguística Variacionista. Desse modo, foi possível traçar um perfil sociolinguístico para o comportamento do fenômeno variável estudado no falar dos fortalezenses.

Dito isso, frisamos que, na primeira rodada, encontramos 813

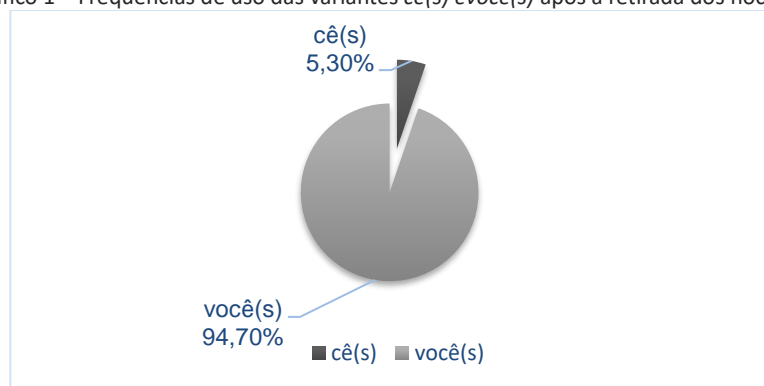
¹¹ As análises são tidas como multivariadas porque permitem “separar, quantificar e testar a significância dos efeitos dos fatores contextuais em uma variável linguística” (GUY; ZILLES, 2007, p.34).

¹² Em termos simples, é denominado de peso relativo a indicação do efeito que cada fator selecionado exerce sobre as variantes observadas. É interpretado como favorável, para uma variável binária, se o valor for superior a 0.50, como inibidor se for inferior a 0.50, e como neutro se for igual a 0.50 (SCHERRE; NARO, 2012).

dados. Contudo, alguns destes dados precisaram ser excluídos porque como tínhamos poucas ocorrências para o pronome *cê(s)*, 33 ao todo, ocorreram muitos *nocautes*¹³. Diante disso, foi preciso excluir alguns fatores que só apresentaram dados para o *você(s)*. Além disso, algumas variáveis indicaram *singletongroup*, por não apresentarem o *cê(s)* em pelo menos dois fatores.

Excluindo os *nocautes* e os *singletongroups*, restaram 619 ocorrências, divididas da seguinte forma: 33 dados para *cê(s)* (5,30%) e 586 para *você(s)* (94,70%). Esses resultados podem ser mais bem observados no Gráfico 1:

Gráfico 1 – Frequências de uso das variantes *cê(s)* e *você(s)* após a retirada dos *nocautes*



Fontes: elaborado pelas autoras.

A partir dos dados do Gráfico 1, podemos dizer que, na amostra deste trabalho, o uso do pronome *você(s)* se revelou significativamente superior ao pronome *cê(s)*. Como possível explicação para esse fato, ressaltamos que, embora tenhamos trabalhado com uma amostra de fala tida como popular e espontânea – propriedades da amostra que poderiam elevar a frequência de uso da variante *cê(s)* (COELHO, 1999) – não podemos esquecer que a amostra de fala deste trabalho é representativa de falantes oriundos de uma das maiores me-

¹³ Os *nocautes* são entendidos como um problema para as análises estatísticas fornecidas pelo GoldVarb X, pois implicam dizer que, em um dado contexto, o uso de uma determinada variante foi categórico, ou seja, não houve variação (GUY; ZILLES, 2007).

trópoles brasileiras. Compreendemos que esse fato tende a preservar formas tidas como prestigiadas socialmente e/ou que estão há mais tempo na língua, como é o caso do pronome *você(s)* (MOTA, 2008).

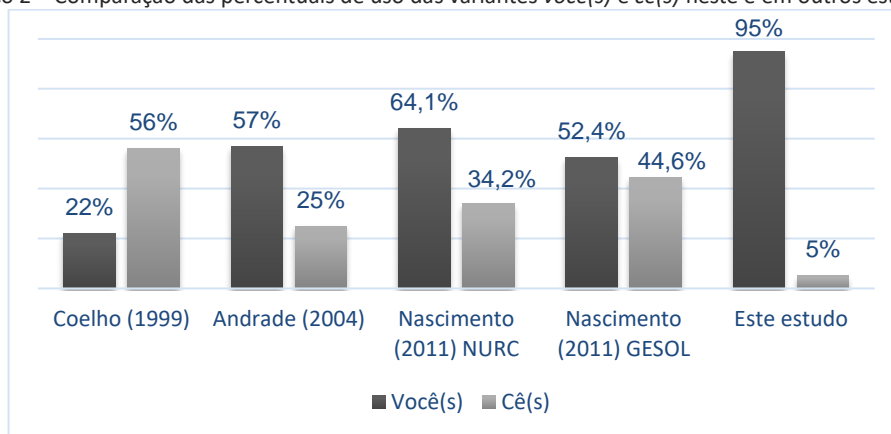
Além disso, é importante colocar que, na amostra de fala analisada nesta pesquisa, vemos que o percentual de uso das variantes indica a existência de uma regra semicategórica. A esse respeito, Labov (2003) explica que temos as já mencionadas ‘regras categóricas’, para as quais atribuímos (100%) de frequência para determinada forma linguística, nesses casos, dizemos que não há variação. Ao lado das regras categóricas, temos também as já mencionadas ‘regras variáveis’ (5-95%), em que as variantes linguísticas coocorrem, e há também, as chamadas ‘regras semicategóricas’ (95-99%).

Nesse último caso, uma das formas em competição ocorre de maneira bastante discreta em relação à sua forma opositora que prevalece. Sobre a noção de regra semicategórica, Labov (2003, p.242) explica ainda que, “é comum encontrá-las no início ou no final de uma mudança linguística em progresso, em que a forma é muito rara para ser notada quando quer que ocorra”¹⁴.

Seguindo essa linha de raciocínio, podemos, portanto, dizer que na amostra desta pesquisa, a alternância entre *você(s)* e *cê(s)* figura praticamente como uma regra semicategórica. O mesmo, contudo, não pode ser dito sobre a realização das variantes *você(s)* e *cê(s)* em estudos realizados a partir de outras variedades de fala do PB, conforme podemos observar melhor no Gráfico 2:

¹⁴ No original, “It is common to find Type II rules at the beginning or at the end of a linguistic change in progress, where the form is rare enough to be noticed whenever it occurs” (Tradução nossa).

Gráfico 2 – Comparação das percentuais de uso das variantes *você(s)* e *cê(s)* neste e em outros estudos



Fonte: elaborado pelas autoras.

Conforme os dados do Gráfico 2, os percentuais de uso das variantes *você(s)* e *cê(s)* nos estudos de Coelho (1999), Andrade (2004) e Nascimento (2011) – comentados nas seções anteriores – divergem notavelmente dos percentuais alcançados neste estudo. Dentre as muitas explicações para tais diferenças, lembramos que as amostras de fala usadas nesta pesquisa e nos estudos em destaque são bastante diferenciadas. Compreendemos que esse fato faz com que as explicações para o uso dessas variantes só possam ser construídas e compreendidas no interior de cada comunidade de fala estudada.

Para que tenhamos uma ideia de como as comunidades de fala estudadas são diferentes, destacamos que, apenas no estudo de Coelho (1999), realizado na comunidade de São Francisco – município de Minas Geria com pouco mais de 63 mil habitantes – o percentual de uso da variante *cê(s)* (56%) foi superior a variante *você(s)* (22%). Em sentido oposto, os resultados das demais pesquisas expostas no Gráfico 2 são representativos de grandes metrópoles brasileiras e que apresentam características sócio-históricas, econômicas e geográficas bastante diferentes das de São Francisco.

Após indicar a frequência de uso das variantes na amostra de fala usada neste trabalho, o GoldVarb X apontou como melhor *ste-*

*input*¹⁵ o de número 27 (*Input* 0.034, *Significance* = 0.009)¹⁶ a partir do qual podemos verificar que, dos 13 grupos de fatores controlados, após a retirada dos dados nocauteados, 03 variáveis foram apontadas como estatisticamente relevantes. Assim, o GoldVarb X selecionou, nessa ordem de importância, a variável *escolaridade*, o *grau de intimidade entre os informantes* e o *sexo*.

Desse modo, vemos que foram descartadas pelo programa as variáveis: tipo de frase, faixa etária, tipo de relato, tipo de verbo, paralelismo formal, grau de simetria entre os interlocutores, tempo verbal, estrutura do verbo e polaridade. Lembramos que os grupos de fatores função sintática, efeito gatilho, posição em relação ao verbo e tipo de referente não participaram desta rodada, porque já tinham sido excluídos antes.

A seguir, apresentaremos e discutiremos os resultados obtidos para as variáveis selecionadas, segundo a ordem de relevância apontada pelo programa estatístico GoldVarb X. Contudo, antes de prosseguirmos, convém ressaltar que a não seleção de nenhuma das variáveis linguísticas controladas, nesta pesquisa, refuta nossas expectativas iniciais para o comportamento das variáveis linguísticas. Afinal, conforme pontuamos logo de início, esperávamos que elas também

¹⁵ Em termos simples, o *step-up* analisa um a um dos grupos de fatores selecionados e indica os grupos mais significativos para a análise. Ou seja, no *step-up*, temos, dentre outras coisas, a seleção das variáveis independentes relevantes para o fenômeno em estudo e a indicação da maneira pela qual cada um dos fatores postulados em um grupo específico condiciona (ou não) o uso de uma determinada forma variante.

¹⁶ *Input* de cada regra variável é uma medida do uso geral do fenômeno. Ele nos indica a probabilidade que a variante, sobre a qual a análise está centrada, tem de ocorrer nos grupos de fatores considerados em cada rodada (GUY; ZILLES, 2007). O valor do *input* é fornecido em números de 0,000 a 1,000. Assim sendo, um *input* de 0,34 nos diz que a variante analisada tem 3,4% (34/1000) de probabilidade de ocorrer no contexto da rodada. Por sua vez, a chamada *Significance* refere-se ao nível de significância da rodada. Sobre esse ponto, Scherre e Naro (2012) indicam que quanto mais baixo, isto é, próximo de 0,05 ou 0,01, mais confiável é a rodada. Isso implica dizer, grosso modo, que os dados obtidos não foram camuflados pelos percentuais fornecidos. Naturalmente, há limites para se considerar a análise, de fato, significativa. Tais limites, ou margem de erro, giram em torno de 0,050, isto é, 5% (GUY; ZILLES, 2007).

exercessem algum tipo de influência sobre o fenômeno investigado como mostram, por exemplo, os estudos de Coelho (1999), Andrade (2004) e Nascimento (2011).

Além disso, devemos pontuar que todas as rodadas, após a observação da frequência de uso das variantes estudadas, foram feitas em função do pronome *cê(s)*. Logo, os resultados que serão discutidos nos próximos parágrafos dizem respeito à influência das variáveis selecionadas em função do pronome *cê(s)* em coocorrência com o *vo-cê(s)*, ainda que este último pronome tenha apresentado uma frequência de uso notavelmente maior do que o *cê(s)*.

Essa tomada de posição metodológica pode ser justificada, ao menos em parte, pelo fato de que compreendemos o pronome *cê(s)* como a ‘variante inovadora’ analisada aqui. Em outras palavras, reconhecemos que, no falar de Fortaleza, o pronome *cê(s)* está há menos tempo no comportamento linguístico dos fortalezenses. Daí essa variante ser chamada de inovadora (LABOV, 2008; COELHO *et al.*, 2015). Assim, julgamos interessante observar quais são os condicionadores desta variante na amostra deste trabalho.



a) Variável Escolaridade

Tabela 1 - Atuação da escolaridade sobre o pronome *cê(s)*

Fatores	Aplica/Total	%	P.R.
0-4 anos	7/152	4,6	0,562
5-8 anos	3/184	1,6	0,249
9-11 anos	23/283	8,1	0,642

Fonte: elaborado pelas autoras.

Selecionada como a variável mais relevante estatisticamente, a Escolaridade, conforme podemos observar na Tabela 1, mostra que os mais escolarizados são os que mais beneficiam o uso do *cê(s)* (8,1% e 0,642). No entanto, aqueles com menor escolaridade (4,6% e 0,562) também colaboram com a realização desta variante, embora o peso

relativo deste segundo nível de escolaridade não seja tão expressivo quanto o que vimos para os informantes com escolaridade mais alta. Por outro lado, os informantes com escolaridade intermediária (1,6%, 0,249), isto é, entre 5 a 8 anos, inibem o uso do pronome *cê(s)*.

Diante desses resultados, somos levadas a crer que, na comunidade de fala de Fortaleza, o pronome *cê(s)* figura como uma variante não estigmatizada socialmente. Certamente, esse ponto facilita a inserção e disseminação do *cê(s)* no falar de pessoas com maior acesso aos grandes bancos escolares. Afinal, ainda que o *cê(s)* não seja considerado a forma conservadora e não figure, portanto, como objeto de atenção no modelo de língua ensinado nas escolas (VOTRE, 2012), sobre o *cê(s)* não nos parece recair julgamentos depreciativos. A esse respeito, lembramos que a desvalorização do pronome *cê(s)* poderia fazer com que essa forma fosse coibida pela educação formal e, assim, tendesse a ser evitada por falantes que tiveram um maior contato com o modelo de língua preservado nos grandes bancos escolares.

b) Variável Grau de intimidade entre os informantes

Os resultados para a variável Grau de intimidade, segunda variável selecionada pelo programa GoldVarb X, indicam que os informantes com um alto grau de intimidade (6,2% e 0,598) favorecem o *cê(s)*, enquanto os informantes que apresentam baixo grau de intimidade (1% e 0,117) atuam de forma desfavorecedora sobre esta mesma variante, conforme podemos observar na Tabela 2:

Tabela 2 - Atuação do grau de intimidade sobre o pronome *cê(s)*

Fatores	Aplica/Total	%	P.R.
Alto grau de intimidade	32/517	6,2	0,598
Baixo grau de intimidade	1/102	1,0	0,117

Fonte: elaborado pelas autoras.

Os dados obtidos para a variável Grau de intimidade indicam que quanto maior o grau de intimidade entre os informantes, maior o uso do pronome *cê(s)*. Isso ratifica, assim, a ideia de que quanto menor o monitoramento e maior a interação entre os informantes, maior será o uso do pronome mais informal, confirmando o que diz Nascimento (2011) a esse respeito. Perspectiva similar é defendida por Motta (2008, p.50) a qual entende que:

[...] numa dada situação conversacional, o estilo de fala escolhido pelos interlocutores pode estar ligado ao grau de intimidade entre os falantes, uma vez que, estes, dependendo desse grau de intimidade, monitoram ou não a fala, usando, de acordo com a situação, um estilo mais formal ou mais informal.

Desse modo, quando há um alto grau de intimidade, os nossos falantes preferem a variante inovadora, no caso deste estudo, o *cê(s)*. No entanto, se baixa o grau de intimidade, o uso do *você(s)*, a variante conservadora, tende a aparecer. Contudo, preferimos relativizar esta afirmação em virtude da baixa quantidade de dados que compõe a amostra deste trabalho que se refere ao pronome *cê(s)*. Afinal, apenas 1 dado desta forma foi registrado para o fator baixo grau de intimidade, e 32 para o fator alto grau de intimidade.

c) Variável Sexo

Tabela 3 - Atuação do sexo sobre o pronome *cê(s)*

Fatores	Aplica/Total	%	P.R.
Feminino	6/229	6,9	0,330
Masculino	27/390	2,6	0,603

Fonte: elaborado pelas autoras.

A última variável selecionada foi o Sexo e seus pesos relativos, expostos na Tabela 3, mostram que os homens (0,603) são os únicos aliados da variante *cê(s)*, enquanto as mulheres (0,330) inibem esta

forma. Esses resultados se assemelham aos de Andrade (2004) e Coelho (1999).

No estudo da variação e mudança linguística, temos visto que a variável sexo é de grande importância para a compreensão de muitos fenômenos (TRUDGILL, 1974; LABOV, 2008; FISCHER 1958 *apud* PAIVA, 2012). Em linhas gerais, sabemos observado que, apesar de as inúmeras mudanças ocorridas nos papéis sociais desempenhados pelas mulheres nas últimas décadas, ou seja, ainda que as mulheres tenham conquistado significativos espaços no mercado de trabalho, por exemplo, e tenham passado a exercer funções sociais cada vez mais notórias e compatíveis com aquelas antes exercidas apenas por homens, ainda se espera que as mulheres apresentem um comportamento linguístico mais conservador do que os homens.

Esse fato pode fazer, portanto, com que as mulheres se mostrem mais sensíveis ao uso das formas linguísticas conservadoras (LABOV, 2008). Ao refletir sobre a correlação entre o uso de formas linguísticas mais conservadoras e o papel da variável sexo, Paiva (2012, p.36) atenta:

A maior consciência feminina do *status* social das formas linguísticas pode ser atribuída também ao maior formalismo associado aos papéis femininos e ao fato de a posição da mulher na sociedade estar menos assegurada do que a do homem. Tal formalismo, transferido para as situações interacionais vivenciadas pela mulher, se traduz na necessidade de resguardar a face e de manifestar um comportamento que garanta sua aceitação social.

Essas considerações nos mostram que as mulheres tendem a preferir o uso de formas linguísticas prestigiadas socialmente (LABOV, 2008). Contudo, no que se refere aos pronomes *cê(s)* e *você(s)*, no falar de Fortaleza, é preciso cautela no que diz respeito à associação entre a não preferência das mulheres pelo *cê(s)* por ser esta uma va-

riante não prestigiada na comunidade de fala estudada. Afinal, o comportamento da variável escolaridade — discutida na Tabela 1 — nos mostra que os grandes favorecedores do pronome *cê(s)* são justamente os informantes com maior escolaridade na amostra deste estudo. Este último fato não nos permite, portanto, apontar a variante *cê(s)* como uma forma estigmatizada socialmente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As frequências de uso das variantes *você(s)* e *cê(s)* mostraram que, na amostra de fala analisada nesta pesquisa, os informantes preferem a variante *você(s)* com 95,70% dos dados, ao contrário da variante *cê(s)*, cujo uso compreende 5,30% dos casos analisados. Entendendo que a variante *cê(s)* é a forma inovadora quando da alternância entre *você(s)* e *cê(s)*, no falar de Fortaleza, optamos por observar quais fatores linguísticos e/ou extralinguísticos beneficiam o uso desta última variante.

Em linhas gerais, verificamos que a variante *cê(s)* é condicionada exclusivamente, por fatores de ordem extralinguística, a saber, Escolaridade, Grau de intimidade entre os informantes e Sexo, nessa mesma ordem de importância. Com a Escolaridade, constatamos que os informantes com maior escolarização (9-11 anos) são os grandes favorecedores do fenômeno, nesta amostra. De igual maneira, vimos que os falantes com menos escolarização (0-4 anos) também favorecem o uso do pronome *cê(s)*.

Com base nos resultados obtidos para a Escolaridade, podemos afirmar que, no falar de Fortaleza, a variante *cê(s)* não aparenta ser estigmatizada socialmente, pois, ainda que os informantes menos escolarizados favoreçam o uso dessa forma com P.R. igual a 0,562, vimos que são os informantes mais escolarizados (P.R. 0,642) os gran-

des aliados do pronome *cê(s)*. Com a variável Grau de intimidade, vimos que o alto grau de intimidade entre os informantes favorecem o uso do pronome *cê(s)*, ao contrário do baixo grau de intimidade entre os falantes selecionados para esta pesquisa. Já a variável Sexo, indicou que os homens condicionam a forma *cê(s)*, ao contrário das mulheres.

Concluimos esta pesquisa, acreditando que estamos contribuindo para o quadro de descrição da língua em uso do Brasil atualmente, em um sentido amplo, bem como para a compreensão dos fenômenos variáveis no falar fortalezense, em um sentido mais restrito. Afinal, até a realização desta pesquisa, não contávamos com nenhum outro estudo sobre a variação entre *cê(s)* e *você(s)* no falar da capital cearense. Esse fato justifica a relevância deste estudo.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, A. *A variação você, cê e ocê no português falado brasileiro*. 2004. 145f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística)- Universidade de Brasília, Brasília, 2004.

ARAÚJO, A. A. *As vogais médias pretônicas no falar popular de Fortaleza: uma abordagem variacionista*. 2007, 152f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007.

_____. O Projeto Norma Oral do Português Popular de Fortaleza - NORPOFOR. In: XV Congresso Nacional de Linguística e Filologia, 2011, Rio de Janeiro. *Anais ...* Rio de Janeiro: RJ, v. XV. p. 835-845, 2011.

BATTISTI, E.; ROSA, R. S. Variação e mudança linguística: análise em tempo real da palatalização das oclusivas alveolares em um falar do Rio Grande do Sul. *Web Revista Sociodialeto*, Campo Grande, v. 2, n. 2, p. 1-23, 2012.

CAMACHO, R. G. Sociolinguística parte II. In: MUSSALIN, F.; BENTES, A. C. (Orgs.). *Introdução à Linguística: domínios e fronteiras*. 9. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2012, p. 51-83.

_____. *Da linguística formal à linguística social*. São Paulo: Parábola, 2013.

CEZARIO, M. M.; VOTRE, S. Sociolinguística In: MARTELOTTA, M. E. (org.). *Manual de Linguística*. São Paulo: Editora Contexto, 2013, p.141-157.

COELHO, I. L.; GÖRSKI, E. M.; SOUZA, C. M. N. de; MAY, G. H.. *Par conhecer Sociolinguística*. São Paulo: Parábola Editora, 2015.

COELHO, M. do S. *Uma abordagem variacionista do uso da forma você no norte de Minas*. 1999. 85f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1999.

GUY, G. R.; ZILLES, A. M. Sociolinguística Quantitativa: instrumental de análise. São Paulo: Editoria Parábola, 2007.

LABOV, W. The reflection of social processes in linguistic structures. *Readings in the sociology of language*, 1968, p. 240-251.

_____. The intersection of sex and social class in the course of linguistic change. In: SANKOFF, David. *et alii*. (eds.). *Language Variation and Change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2, 1990, 135-56.

_____. *Principios del cambio lingüístico, vol. 2: factores sociales*. Madrid: Gredos. Versão espanhola de Pedro Martín Butragueño, 2006.

_____. *Padrões Sociolinguísticos*. Trad.: Marcos Bagno; Marta Scherre e Caroline Cardoso, São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LOREGIAN-PENKAL, L.; MENON, O. P. da S. Você(s), ocê(s) e cê(s) em Curitiba e Londrina, Paraná. *Signum: Estudos Linguísticos*, Londrina, n. 15/1, p. 2012, 223-243.

LUCCA, N. N. G. *A variação tu/você na fala brasileira*. 2005. 139f. Dissertação (Mestrado em Linguística)- Universidade de Brasília, Brasília

lia, 2005.

MOLLICA, M. C. A relevância das variáveis não linguísticas. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Org.). *Introdução à Sociolinguística*. São Paulo: Editora Contexto, 2012, p.27-31.

MOTA, M. A. *A variação dos pronomes 'tu' e 'você' no português oral de São João da Ponte (MG)*. 2008, 125f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, 2008.

NASCIMENTO, I. B. do. *O uso variável do pronome de segunda pessoa você(s)/cê(s) na cidade de São Paulo*. 2011. 217f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Curso de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral. Faculdade de Letras, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

NOGUEIRA, F. M. da S. B. *Como os falantes de Feira de Santana e Salvador tratam o seu interlocutor?* 2013. 135 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Curso de Pós-graduação em Língua e Cultura. Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

PAIVA, M. da C. A variável gênero/sexo. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Orgs.). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Editora Contexto, 2012, p. 33-42.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S. A.; SMITH, E. *Goldvarb X: A multivariate analysis application*. Toronto: Department of Linguistics; Ottawa: Department of Mathematics, 2005.

SCHERRE, M. M. P.; NARO, A. J. Análise quantitativa e tópicos de interpretação do Varbrul. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Orgs.). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Editora Contexto, p. 2012, 147-177.

TRUDGILL, P. *The Social Differentiation of English in Norwich*. Cambridge: CUP, 1974.

VOTRE, S. J. Relevância da variável escolaridade. In.: MOLLICA, C.; BRAGA, M. L.(orgs.). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. 4 ed. São Paulo: Contexto, 2012, p. 51-58.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Trad.: Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

Enviado em: 17/12/2017

Aceito em: 14/02/2019.

